

Um monumento a Einstein vaga no espaço

São Paulo — Murilo Menon

*Ainda não foi,
mas já voltou,
segundo a física*

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Um túmulo do genial físico e humanista Albert Einstein (1879-1955) pode estar vagando pelas constelações do universo há séculos. Esta afirmação, feita pelo arquiteto americano Lebbeus Woods durante o 2º Congresso Internacional Cidade do Futuro, que se realiza no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, levou muitos leigos a imaginar que esse conceituado especulador de Michigan — o mesmo que já idealizou um complexíssimo projeto de cidades cíclicas em Nova Iorque — estaria ficando louco.

Os desavisados, no entanto, souberam depois que Woods projetara há sete anos uma espécie de cenotáfio (monumento fúnebre) para Einstein, que em breve será lançado no espaço numa onda de luz. Lembrando-se de alguns dos mais básicos conceitos da teoria da relatividade, formulada no começo deste século pelo grande físico alemão, os ouvintes deste congresso — que termina hoje e que desde segunda-feira vem reunindo alguns dos mais conceituados arquitetos e urbanistas do mundo — começaram a compreender a idéia um tanto complicada do arquiteto americano.

Símbolo — O monumento espacial por ele projetado, batizado de *A Cruz de Einstein* — cuja maquete está exposta ao Anhembi — despertou tanto interesse que acabou tornando-se o símbolo do evento. Embora sem ter sido ainda lançada, a *Cruz de Einstein*, de acordo com a teoria dos universos paralelos, baseada na teoria da relatividade, já está percorrendo o espaço sideral. "A descoberta dos princípios da relatividade teve o efeito de colocar o indivíduo — considerado através da História como ser insignificante — no centro do Universo", disse o arquiteto.

De fato, as principais conferências deste evento, coincidentemente ocorrido no Ano Internacional da Habitação para os Desabrigados, têm incidido sobre as alternativas de moradia que possam devolver aos homens das cidades do futuro a condição de indivíduo — circunstância esta, roubada, em parte, pela sociedade industrial. "Cada indivíduo é o centro de uma esfera única de experiência, no qual o tempo e o espaço são formados de acordo com a percepção individual de cada um deles", sustentava Albert Einstein.

Cidade no mar — Até ontem, os seletos ouvintes do congresso — que se dispuseram a pagar CZ\$ 1.000 (estudantes) e CZ\$ 2.000 (pro-



O arquiteto Woods projetou a "Cruz de Einstein"

fissionais) por dia, para assistí-lo — conheceram dezenas de projetos (a maioria, é verdade, muito longe de ser aproveitada no Brasil) sobre o futuro das cidades internacionais. O arquiteto e professor japonês, Kiyonori Kikutate, por exemplo, apresentou o projeto de construção de uma metrópole marinha. O arquiteto, que também é fundador da chamada Escola do Metabolismo Urbanístico, responsável pela revolução arquitetônica japonesa do pós-guerra, já tem o seu piloto construído na ilha de Okinawa. Para ele, até mesmo países de maiores dimensões continentais — como o Brasil — podem aplicar a sua idéia, porque "a água, que ocupa três quartos da superfície do planeta, oferece grandes recursos ainda inexplorados".

Se, para Kikutate, o futuro das cidades está no mar, para outro participante japonês, Kisho Kurokawa, autor do museu municipal de arte moderna de Satama (Urawa, 1982) e do teatro nacional de Bunraku (Osaka, 1973), a saída é planejar uma nova divisão do espaço urbano. "Ao invés da clássica separação por funções, poderemos começar a pensar em dividir a cidade de acordo com o sentido de cada espaço", afirmou Kurokawa. Na sua opinião, os símbolos e as tradições, ignorados por um segmento

da arquitetura moderna, devem ser recuperados. "A cidade do século 21 não será somente funcional, como Brasília, mas deverá ser repleta de significações", disse. Baseado na filosofia budista, ele defende o inter-relacionamento das culturas do passado e do futuro num tipo de arquitetura por ele explicada como "simbiose do homem e da tecnologia, da desordem e da ordem".

O túmulo espacial de Einstein foi considerado por esses e por outros participantes muito apropriado às idéias do congresso. Albert Einstein morreu em 1955 e quis ser cremado. Suas cinzas foram jogadas no Oceano Atlântico. Ele não queria que nenhum santuário, que contivesse seus restos mortais, pudesse vir a ser venerado. Mas, para Woods, a *crux* projetada é um monumento comemorativo em sintonia com a modéstia e a grandeza do gênio. "Depois de lançado, nunca nenhum de nós o verá novamente, porque já terá desaparecido da Terra. Desta forma, o monumento parecerá ter sempre existido. E talvez tenha existido. As leis da probabilidade indicam que ele retornará à Terra. De certo modo, embora ele ainda não tenha sido lançado, já voltou, talvez inúmeras vezes em inúmeros universos que já devem ter se expandido e se contraído com eras do tempo", sonha Woods.

A controvérsia dos universos paralelos

Uma cruz de metal brilhante, feita para singrar o espaço numa homenagem a Einstein, poderia já ter sido lançada, ou estar voltando à Terra, se a realidade for feita de vários mundos paralelos — ou universos alternativos — como imaginam os físicos John Wheeler e Hugh Everett. A idéia surgiu com a mecânica quântica, desenvolvida a partir de 1927 por físicos como

Werner Heisenberg e o prêmio Nobel Erwin Schrödinger.

Segundo esta visão da física quântica, cada evento que ocorre no universo produziria várias realidades alternativas ou universos possíveis. Essa visão derivou da necessidade dos físicos de trabalharem com equações de probabilidade es-

tatística para visualizar o mundo do átomo.

Embora o desenvolvimento da mecânica quântica tenha se seguido à Teoria da Relatividade, com seus conceitos de espaço curvo e de tempo relativo, Einstein não aceitava uma visão probabilística da realidade, nem a idéia dos universos paralelos, afirmando que "Deus não joga dados".